

DISCURSO DE POSSE (*)

Pe. F. Sadoc de Araújo

Embora habituado a lidar diuturnamente com o sagrado e o numinoso por exigência da própria condição de vida que há 25 anos abracei, chego ao umbral deste Cenáculo de Letras com o escrúpulo de quem não esteja ainda devidamente preparado para dele participar.

A Academia Cearense de Letras, como exige seu Estatuto, é reservada a um pequeno número de eleitos, "escritor ou cientista de relevo".

Temo que minha presença transgrida esta nobre e inviolável determinação e possa quebrar ou profanar tão venerando resguardo.

O relevo exigido a um homem de ciência ou de letras para permanecer nesta Casa, afigura-se-me muito elevado para minha pequenez e sagrado demais para meus delitos literários. Parece-me a grimpada do Horeb diante do olhar aturdido de Moisés. E eu ouço a proibição divina: "Guardai-vos de subir o monte. Se alguém o tocar antes de soar a trombeta, será morto". Toda a multidão tremia e Moisés levou o povo para fora do acampamento, ao encontro do Senhor, e pararam ao pé da montanha" (Ex. 19, 12 s).

Aqui estou, senhores acadêmicos, parado ao pé de vosso relevo. Chego à soleira desta Casa sem saber se mereça subir convosco neste Sinai ou se deva retornar ao Rafidim das margens do Acaraú de onde parti.

O que me faz persistir é a esperança de que a bondade dos vossos corações estravaze para os vossos lábios que farão soar a trombeta da hospitalidade, sinal verde que me anuncia caminho livre para que eu possa avançar meus passos em vossa direção. Sem esta vossa afetuosa acolhida, expressa em generosa eleição e agora na palavra amiga de Mozart Soriano Aderaldo, a consciência de meu demérito me obrigaria a regressar imediatamente à planície de minha obscuridade.

Escritor ou cientista de renome não o sou, mas assim me quisestes considerar no excesso de vossa benignidade e na hipérbole de vosso indulgente julgamento. Recebo pois o vosso agasalho, como um desafio aos meus esforços e como um repto à minha responsabilidade para o futuro.

(*) Proferido a 9 de maio de 1980.

A emoção do momento presente me evoca, como na obra de Marcel Proust, uma lembrança ausente "em busca do tempo perdido". Ao ter conhecimento de minha eleição para esta Academia, a memória involuntária me fez reviver o passado, o tempo redescoberto da mocidade, quando aluno de literatura latina me deliciava com as poesias de Ovídio, sem poder disfarçar a predileção espontânea pelas elegias de "Tristes". Cidadão romano, exilado em país bárbaro, Ovídio só dispunha de um meio para se comunicar com sua querida Roma distante: escrever livros. Compôs "Tristes" para manifestar a dor do exílio e o enviou a Roma como se ele próprio estivesse de volta à casa paterna: "Parve, nec invideo, sine me, Liber, ibis in Urbem, quo domino non licet ire tuo". O que em vernáculo mal traduzido soaria mais ou menos assim: "Bem sei, meu pequeno livro, que irás a Roma sem mim, já que a mim, teu autor, isto não me é permitido".

No meu caso, também foram pequenos livros que me fizeram chegar a esta Roma das letras cearenses. E é por isso que eu continuo a escutar a observação do poeta latino: "Somente vós, livros meus, podereis dizer quem eu sou, e se porventura alguém perguntar algo mais sobre mim, nada lhe respondam, a não ser se deixando ler".

Senhores Acadêmicos. O primeiro direito que me dais nesta casa é o de sentar-me, pois para tanto reservastes-me a cadeira 15. Gesto aparentemente simples, mas na realidade pejado de profundo simbolismo.

Câmara Cascudo, em sua "História dos Nossos Gestos", já nos ensinou quanto este direito é prerrogativa honorífica só concedida na Roma Imperial aos "viri clarissimi".

Sentar-se diante dos Prefeitos do Pretório, por determinação de lei assinada pelo Imperador Constâncio, era regalia reservada aos titulados romanos de maior distinção.

Victor Hugo, referindo-se ao Duque Bernardo de Saxe-Weimar, dizia que como príncipe, ele tinha o privilégio de se sentar no salão da Rainha. Ocupante de uma cadeira nesta sala, sinto-me na mesma condição desse tio da Duquesa de Orleães, porque no reino das letras cearenses esta Academia é verdadeiramente única e autêntica rainha.

Senhores Acadêmicos. Este sodalício adotou, como seu, o lema do Lord Beaconsfield, o notável estadista e escritor inglês Benjamin Disraeli — "Forti nihil difficile". Pois bem, contam seus biógrafos que certa feita, por estar convalescente de enfermidade grave, causou constrangimento à Rainha Vitória que lamentou não o poder fazer sentar-se em sua presença.

Por tudo isto é que agradeço a cadeira que passarei a ocupar na vossa convivência. É uma distinção nobilitante, pois estabelece confiança e intimidade. Direi até que é distinção sagrada, pois que o apóstolo Paulo afirma que está reservado exclusivamente ao Filho o sentar-se à Direita do Pai. (Col. 3,1).

Nesta Casa, se há quarenta homens que se sentam, há quarenta que se postam de pé como patronos. A meu lado, como num tutelador, ficará de pé Capistrano de Abreu, na postura de quem protege e vigia, exigindo respeito e reverência.

Conta-nos a Escritura, reproduzindo um gesto arquetípico encontrado em todas as culturas e que somente o inconsciente coletivo latente nas profundezas da alma sabe explicar, que todo o povo de Israel se punha de pé quando Esdras lhe abria o Livro da Lei (Ne 8,5). Estar de pé era o gesto expressivo da prontidão em servir e em proteger.

O rei Eglon de Moab também ficou de pé quando o juiz Aod lhe trouxe a palavra divina que exigia acatamento (Juízes 3,20) e foi de pé que os setenta anciãos de Israel, acompanhando-o com os olhos vigilantes, protegeram Moisés ao entrar em sua tenda (Ex. 33,8).

No salão mais nobre desta Academia quarenta varões estão de pé protegendo as letras, a ciência e a cultura. São os patronos das cadeiras, figuras hieráticas, gênios protetores, guardas fiéis que vigiam a seriedade do estudo e o respeito à verdade.

A minha guarda foi confiada a Capistrano de Abreu, o maior entre os historiadores nacionais. Sinto-me feliz com o seu patrocínio e honrado com a grandeza de seu nome.

Se me é lícito comparar o grande com o pequeno, direi que me sinto a ele ligado por profundas identidades pessoais.

João Capistrano Honório de Abreu nasceu em Culuminjuba, município de Maranguape, a 23 de outubro de 1853. É neto de sobralenses, tanto pelo lado paterno, quanto materno.

A genealogia é contemporânea das mais antigas sociedades humanas, nasce com a família e ultrapassa o tempo, porque ascendentes e descendentes, pais e filhos, avós e netos permanecem eternamente unidos, além da morte, por mútuo e recíproco amor.

Já perlustrei, consultando velhos cartapácios, em cansativas mas gratificantes pesquisas, o itinerário de sua ascendência genealógica, tendo encontrado o rastro de seu sangue nos cruzamentos endogâmicos que formaram a estrutura familiar dos clãs de Sobral. Como os meus, seus ascendentes se alimentaram dos mesmos celeiros da Meruoca e saciaram a sede com a mesma água das cristalinas cacimbas do Acaraú.

Estes estudos sobre a ascendência sobralense de Capistrano estão reunidos em artigo que fiz publicar na Revista do Instituto do Ceará, ano de 1978.

Uma outra afinidade. Como eu, Capistrano estudou dois anos no velho e saudoso Seminário da Prainha. Ele e eu fomos seminaristas, e embora com a diferença de quase um século descobri que o motivo que levou meu pai a me internar no seminário, aos meus doze anos, foi o mesmo que levou seu pai a

retirá-lo de lá com a mesma idade. É o que leio na observação manuscrita deixada pelo reitor Padre Chévalier no 1º Livro de Matrículas daquele educandário: "João Capistrano Honório de Abreu. Entrou a 9 de março de 1865 e em julho de 66 foi aconselhado ao Sr. seu pai que o tirasse por algum tempo a fim de se emendar de sua preguiça e vadiação".

Para nos emendarmos de nossos defeitos comuns, enquanto eu entrava no seminário, ele de lá era aconselhado a sair.

Pelo que li nos seus biógrafos, parece que nunca se emendou daquelas tendências infantis. Estudava e escrevia deitado na rede, companheira inseparável até nas longas viagens. Vicente Mindelo dele diz: "É indolente, acorda tarde, fuma como um turco e anda como um beduíno". E mais: "Trajando escuro com filosófico descuido, tem a voz aflautada quando pilheria, asmática e vagarosa quando trata de ciência".

José Honório Rodrigues, na magnífica "Introdução" aos três volumes de sua "Correspondência" recentemente publicados, apresenta detalhadamente estes traços característicos e originais do grande historiador.

Capistrano não era formado e nem gostava que o chamassem doutor. Preferia, conforme aconselhava aos seus amigos e alunos, que de acordo com o linguajar cearense, o chamassem de "seu home". Era a vadiação, de sempre.

Detestava conferências. Nem as fazia, nem as ouvia. O motivo ele mesmo explica: "Em geral não assisto a estas coisas, porque ficando longe apenas apinho pedaços, ficando perto arrisco-me a um acesso de tosse que pode perturbar a assembléia".

Sua ironia fina e seu contínuo bom-humor escondiam a agudeza da inteligência e a perspicácia da intuição. Foi com estas qualidades que se dedicou de corpo e alma ao estudo de nossa história, renovando-a e estruturando-a cientificamente. Com ele, a História do Brasil se tornou o Brasil com História.

O que mais admira a quem o lê é a lucidez de suas colocações e o poder de síntese de sua exposição.

O pensamento histórico no Brasil deu uma reviravolta com o sopro de seu gênio. Se Cabral descobriu o Brasil para os portugueses, Capistrano descobriu o Brasil para os brasileiros.

Por ser sábio, sabia mais perguntar do que responder.

Não é sem razão que, nos dias de hoje, os maiores sábios da humanidade não estão nas cátedras ensinando, mas nos laboratórios aprendendo. Capistrano foi o protótipo do sábio. Daí por que viveu buscando, numa entrega apaixonada à pesquisa. Queria encontrar resposta às perguntas prévias que fazia a todo e qualquer texto antes de os ler. No estágio que realizara na Biblioteca Nacional se pôs a perguntar às fontes e a indagar aos escritos históricos.

Tinha o faro da verdade e deixa a impressão de que, antes mesmo de ler, já sabia o que ia encontrar dentro de um documento.

É bem verdade que sem fatos não há história, mas sem verdadeiro historiador os fatos não têm sentido. Capistrano foi o historiador que deu sentido aos fatos da História do Brasil.

A vida e obra de Capistrano são grandes demais para caber em tão míngua discurso. Além disto, aqui mesmo em nossa terra, dispomos dos livros de José Aurélio Saraiva Câmara e Pedro Gomes de Matos que lhe escreveram a biografia.

Permiti-me que apenas esboce sucintamente sua produção científica em quatro de seus trabalhos que são verdadeiras obras-primas: "Capítulos de História Colonial", "Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil" e as edições críticas da "História do Brasil" de Frei Vicente do Salvador e da "História Geral do Brasil" de Varnhagen.

Os "Capítulos" primam pela erudição, pela clareza dos conceitos e pela profundidade da interpretação. São a mais perfeita síntese já realizada na historiografia brasileira, na feliz expressão de José Honório Rodrigues. Foi neste livro que descobriu e revelou os segredos do Brasil aos brasileiros.

No que está escrito, o livro é perfeito. Mas se discute o que deixou de escrever. A figura de Tiradentes, por exemplo, a quem não dava qualquer valor na história. Omitiu propositadamente analisar a Inconfidência Mineira por achar que esta foi apenas um movimento formal de uma pequena roda de intelectuais e nunca uma autêntica rebelião. A Inconfidência pertenceria mais à história das idéias, do que verdadeiramente à história da Nação. Fiel ao realismo histórico, para ele a Inconfidência não foi um fato, um acontecimento, mas apenas um pensamento em ebulição. Foi conspiração como ato subjetivo, mas nunca uma revolução como fato acontecido.

Como precursores da Independência, preferia os Mascates ou os Republicanos de 1817. Para ele, houve sim a conjuração mineira na mente dos inconfidentes, mas ela não aconteceu. Pertenceu ao mundo das idéias, mas não ao mundo dos fatos, único objeto da História.

Em "Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil", especialmente, demonstra o fulgor de sua criatividade e a força inovadora de seu gênio.

Ninguém, antes dele, atribuíra importância à conquista e ao povoamento do sertão. Parecia que o Brasil se formara apenas das comunidades do litoral. Capistrano inverteu as posições e demonstrou apodidicamente que a formação da vida nacional se processou na expansão pela terra adentro, e não na colonização da costa. O Brasil se fez por um processo de interiorização. Das Capitânicas Hereditárias, cita como exemplo, apenas a de Duarte Coelho em Pernambuco e a de Martim Afonso em São Vicente prosperaram, porque foram as únicas que tiveram a coragem de rasgar o cinturão de matas que as circundavam. As outras, porque se fixaram passivamente no litoral, não pertencem à história, mas apenas, à erudição. Esta visão original abriu novos rumos à inves-

tigação e à compreensão do Brasil. É o ponto alto deste livro exuberante, orgulho da inteligência brasileira.

As edições críticas das Histórias do Brasil de Frei Vicente do Salvador e de Varnhagen são modelares. Capistrano analisou-lhes minuciosamente os textos, indicando as fontes de que se teriam servido, numa demonstração portentosa de erudição do escafandrista de nossas mais remotas origens. Nunca, antes dele, alguém havia submetido à crítica um texto histórico nacional com tanta proficiência, e, dificilmente, mesmo com todo o futuro aberto, alguém o superará nesta especialidade.

Muito ainda se poderia dizer sobre outros trabalhos que nos legou, como "O Descobrimento do Brasil", as quatro séries de "Ensaio e Estudos" e "Rã-Txã-Hu-Ni-Ku-I", mas fiquemos por aqui, porque Capistrano é grande demais para ser sintetizado em noite tão breve. Deixai-me somente que vos diga mais, que formou escola de historiadores e que daqui para frente ninguém poderá avançar no conhecimento e na interpretação do Brasil se não se dirigir pela seta que ele indicou e se não seguir pelos novos caminhos que ele abriu.

Capistrano faleceu em 1927, em um dia 13 e do mês de agosto ensejando aos supersticiosos poder dizer que, também por esta coincidência, sua morte foi fatídica para os rumos da História do Brasil.

Da crítica histórica do patrono Capistrano de Abreu não é travessia difícil passar para a crítica literária do meu antecessor, Braga Montenegro.

Ambos nasceram em Maranguape, ambos foram autodidatas, ambos exemplos notáveis de "self-made men". Instruíram-se e se educaram por si próprios. Sob este aspecto do autodidatismo se acha na honrosa companhia de seu colega maior de crítica literária, Agripino Grieco, bem como de Machado de Assis e de Antônio Sales, estes de sua constante admiração e leitura. O autodidatismo destas grandezas de nossas letras faz crescer-lhes o mérito e por eles aumentar nosso respeito. É honroso poder ser autodidata em tão elevada convivência.

Joaquim Braga Montenegro nasceu a 28 de fevereiro de 1907. Após uma infância cearense, simples e tranqüila, emigrou para a Amazônia, aos dezoito anos de idade, ali permanecendo de 1925 a 1932. O contato de sete anos com a imensidão do rio-mar, com a exuberância da clorofila e com os fantasmas da selva marcou-lhe profundamente os olhos de ficcionista. O vento, o verde e o medo coloriram de Amazonas toda a sua ficção. Diante daquele cenário estupefaciente a vida lhe pareceu "Uma chama ao vento", os sentimentos humanos "Cárceres verdes" e o turismo "Uma viagem no medo". Eis por que sentiu que "O vento, o desejo e o rio" fizeram de sua experiência no Inferno Verde uma "Viagem no remoinho".

Literariamente há dois Bragas Montenegros, o amazônico ou telúrico e o ocidental ou humano. O primeiro, da ficção e o segundo, da crítica literária.

Ambos, porém, sempre caminham juntos, em todos os momentos. Por ter sido amazônico não significa que se tornasse regionalista. Ao contrário, procurou universalizar sua cultura e sua produção estética. Romance, novela e conto, os três gêneros da ficção em prosa, foram por ele analisados através de Graciliano Ramos, romancista, Guimarães Rosa, novelista, e Eduardo Campos, contista. Alagoas, Minas e Ceará. Foi a primeira fuga do regionalismo limitado. Depois, percorreria as grandes literaturas do Ocidente.

A temática de sua obra é de tendência universal, mas sua vivência de Inferno Verde nunca se apagou. Até nos "Contos derradeiros", obra da maturidade, embora nos fale de demônios, de tesouro e de ansiedade, ou do hóspede e do potrinho Pampa, deixa sempre transparecer as marcas, ainda mal cicatrizadas, das influências amazônicas dentro de sua alma. Talvez por isso, mensagens recebidas do passado chegavam ao seu espírito, quando homem já encarcerado, como se trazidas de longe por velhos estafetas de um "Correio retardado".

O tema dominante é a tragédia da solidão do homem ante a grandeza da criação, o insondável das selvas, a tortura dos instintos, a certeza da morte e a busca de Deus.

O seu universalismo no espaço, que lhe fez ver toda experiência humana como "Viagens", não foi menor do que o universalismo no tempo, que lhe fez descobrir porque é que em toda angústia há um anseio de eternidade.

Debaixo deste prisma enfocou a perenidade de "Iracema" quando o romance de Alencar chegou ao centenário, celebrou a imperecibilidade de "Terra do Sol" quando o livro adolescente de Gustavo Barroso atingiu os cinqüenta anos e demonstrou ser interminável o vôo das "Aves de Arribação" quando, em momento de saudade, esteve "Recordando Antônio Sales". Em "Evolução e natureza do conto cearense" não disfarça a mesma tendência. Sempre, o tempo olhado como conquista para o eterno.

Este é o motivo por que o "Livro das Horas" de Rainer Maria Rilke, onde a transição do existir para o Além se faz como se fora apenas um passo natural de nossa metamorfose, repercutiu profundo em suas entranhas. "Rilke e a ânsia do Eterno" foi o título que deu ao seu estudo crítico sobre o poeta das "Elegias de Duíno", para quem as realidades terrestres sempre se transformam em símbolos de Deus.

As narrativas de Joseph Conrad, onde o mar é a imagem central e a aventura é o tema dominante, foram por ele analisadas, porque mar e aventura foram também as emoções maiores de sua experiência amazônica. Eis por que "A Vocação de Conrad" foi o reflexo de sua própria vocação.

O emocionante encontro com um livro de Emily Brontë, carcomido pelas térmitas em uma estante escondida de uma velha livraria de Fortaleza, lhe evoca, em tarde chuvosa, a luta do tempo contra a eternidade, constante

preocupação de seu espírito. Foi o bastante para se cativar pela obra das irmãs da Família Bronte: Emily, Charlotte e Anne. Nelas encontrou a ressonância de uma arte que também foi sua, a de saber adivinhar as emoções das almas mais apaixonadas. E debruçou-se demoradamente na leitura e na análise crítica do "Morro dos ventos uivantes". Mais uma vez, o vento. . .

Para mim, o ponto alto do esforço literário de Braga Montenegro foi a crítica da obra de André Gide, condensada em excelente conferência que pronunciou nos cursos da Aliança Francesa de Fortaleza, em 1951, por ocasião da morte do escritor de "Sinfonia Pastoral". Descobre a saudade de Deus que sempre marcou a alma do autor de "Les Caves du Vatican", tão fascinado pela figura de Cristo, mas tão distante da fé e da moral evangélica. Lamenta que o "notável das letras" não tivesse se decidido a transpor a soleira da "porta estreita" e de dizer "Ainsi soit-il" ao apelo divino.

Embora fazendo crítica literária, no estudo sobre André Gide não foge Braga Montenegro da tendência inata para a ficção, pois apresenta o tema partindo de uma consciência imaginária para, num jogo de cumplicidades, tentar apresentá-lo como aceitável pela consciência real. Aceita rejeitando e rejeita aceitando o drama pessoal de Gide, como se fosse a personagem principal de uma tragédia religiosa. Gide é amoral em demasia para ser facilmente aceito e um escritor de excelentes méritos para ser simplesmente rejeitado. Mais ainda, a atitude de contradição e inconseqüência no autor de "Corydon" encontra eco em todos os romances de Dostoiévski. Não seriam, portanto, estes aparentes antagonismos a serena face de Deus espelhada nas angústias dos homens?

A indagação não é respondida, visto que a crítica literária se interessa apenas pela formulação estética da pergunta e não pela validade metafísica da resposta. Ademais, um dos fascínios de André Gide, como de Dostoiévski, é caminhar nas sombras do mistério. Gide parece que reza mesmo quando blasfema.

Meus senhores. Conheci Braga Montenegro, pela primeira vez, num encontro fortuito na Secretaria de Cultura, quando o anúncio de meu nome lhe trouxe a recordação de um tio meu homônimo, que fora amigo e companheiro seu nas aventuras da Amazônia. Desde esse dia, quando senti o carinho de suas mãos trêmulas que apertavam as minhas, tornei-me seu admirador e quase irmão. Hoje ocupo a vaga que deixou nesta Academia. Imaginai a emoção do momento. . .

Braga Montenegro faleceu recentemente, vítima de atroz enfermidade que lhe fazia tremer o corpo franzino. O espírito, porém, firme e reto, jamais vacilou.

Sua existência terrena, tão iluminada de literatura, extinguiu-se na morte como "uma chama ao vento", mas seu nome, tão luminoso quanto a vida, permanecerá para sempre aceso na história das letras cearenses.

Senhores Acadêmicos: Saber que perdemos Braga Montenegro ainda parece um sonho. Vivamos agora este sonho, pois a noite já vai alta e não podemos perdê-la. Para tanto, permiti-me que eu aqui termine, mas falando-vos da rede de dormir.

Já vos disse que meu Patrono escrevia história refestelando-se na rede e sei que também o meu querido amigo e mestre Claudio Martins, Presidente desta Casa, escrevendo sobre finanças ou compondo versos, tem o mesmo hábito e costume. Solidários com o simbolismo deste comportamento, recostemo-nos despreocupadamente na posição de descanso, em tão confortante quão fraterna companhia, para poder sentir mais de perto o suave mistério desta noite.

No tranqüilo silêncio de quem pensa, olhemos para o céu a fim de percebermos melhor a intensidade da luz que desce de duas estrelas que iluminaram a noite de minha posse: Capistrano de Abreu e Braga Montenegro.

A todos, agradeço. Pela amizade que senti, pela fraternidade que experimentei e pelas estrelas que vi.

Tenho dito.